



Património geocultural do Geopark Naturtejo da Meseta Meridional (Portugal)

Carlos Neto de Carvalho (1,2) y Joana Rodrigues (1)

- (1) *Geopark Naturtejo da Meseta Meridional – European and Global Geopark under UNESCO.*
- (2) *Serviço de Geologia da Câmara Municipal de Idanha-a-Nova - Centro Cultural Raiano. Av. Joaquim Morão, 6060-101 Idanha-a-Nova (Portugal). carlos.praedichnia@gmail.com, joana225@sapo.pt.*

Palabras clave: Património geológico, arquitectura da paisagem, cartografia da memória, Geopark Naturtejo

Nos planos antigos da Meseta Meridional a perderem-se de vista para a Extremadura, cruzada pelos primeiros degraus que ascendem à Cordilheira Central ibérica, e que se erguem pelas grandes falhas do Ponsul e de Sobreira Formosa, situa-se o Geopark Naturtejo – UNESCO *Global Geopark*. Dos “degraus” montanhosos xistentos, sulcados por intensa drenagem dendrítica ou pelos grandiosos meandros do Zêzere e dominados pelo Pinhal, de Oleiros e Proença-a-Nova; à grande Bacia do Médio Tejo, com arcoses e depósitos de terraço explorados desde a mais remota idade, em Vila Velha de Ródão e Nisa; às vastidões planas pontuadas de *inselberge* graníticos e quartzíticos, atalaias de fronteira e marcos de transumância, em Castelo Branco e Idanha-a-Nova: o Geopark Naturtejo é um mosaico de paisagens culturais que se imiscuem numa geodiversidade com mais de 600 M.a..

A toponímia da paisagem, materializada em 328 topónimos e 45 designações de localidades directamente associados à geodiversidade, revela mais de 150 000 anos de convivência directa, de uma relação quase simbiótica entre a evolução tecnológica, social, económica, demográfica e cultural, e os georrecurso, quantas vezes elevados ao intangível: “*Nós, os monsantinos, já amamos aquela pedra (...), a de Monsanto. Todas as de Monsanto.*”. O Vale do Tejo reconfigurou-se por várias vezes no *axis-mundi* dos mapas cognitivos e cosmovisões de uma sociedade agro-pastoril. O valor patrimonial das paisagens culturais do Geopark Naturtejo pode medir-se também pela riqueza da assimilação destas pelos actores e construtores do meio: dos pastores e escritores aos cientistas da paisagem. A elevada abundância de arte rupestre, datada do Paleolítico inferior à actualidade, por toda a região, desde os cumes da Serra de Alvelos às baixas do Ocreza e do Tejo aos planos do Rosmaninhal, transporta-nos para um imaginário eminentemente pastoril e para a compreensão da diversidade paisagística, dos seus valores e usos. As gentes de hoje procuram rever o seu *modus vivendi* nas paisagens, fundamentando as suas tradições e costumes no modelado do relevo, nos microclimas, nos recursos gerados pelo amanho dos solos e pela riqueza hídrica e mineral do substrato. Por essa razão, importa elevar a condição da paisagem à dimensão de bem patrimonial, para que resulte num uso ecológico sustentável e no direito democrático à integridade sócio-cultural da paisagem. São estas as razões e valores que estão na base da constituição do Geopark Naturtejo.

De 26 geomonumentos classificados a nível local e nacional, ao abrigo da Lei nacional do Património Cultural, 4 referem-se ao âmbito geográfico do Geopark Naturtejo: Monsanto, o conjunto de Penha Garcia, Conhal do Arneiro e as geofórmulas graníticas da Gardunha. Destes e de outros reconhecidos pela legislação nacional, importa aqui referir dois importantes ícones geoculturais portugueses: Monsanto e Portas de Ródão. Monsanto é o *Mons Sanctus* desde, pelo menos, o Período Romano. Neste gigantesco penhasco granítico, o maior dos *inselberge* de Monsanto-Moreirinha-Alegrios, referência geográfica na Meseta Meridional por mais de 100 km em seu redor, aninhou-se o Homem aos recantos protectores

do caos de blocos, de granito sin-tectónico rico de mananciais de água, num todo mimético que particularizou uma cultura troglodítica. A “Aldeia mais Portuguesa” transformou-se, desta forma, em símbolo nacional do património cultural, material e imaterial (incluindo usos e saber-fazer relacionados com artes tradicionais, práticas performativas e ritualísticas, oralidades, gastronomia, ...). As Portas de Ródão foram o marco referencial da paisagem para a Arte Sagrada do Neolítico. Em seu redor, mais de 150 000 anos de cultura e tecnologia procuraram, num acto praticamente contínuo, abrigo e alimento, defesa e recursos minerais.

No Geopark Naturtejo estão já inventariadas 41 pedras sacralizadas ou lendárias, tendo particular importância Monsanto. São rochas que, pela sua forma curiosa, por marcarem acontecimentos ou identificarem lugares, foram elevadas ao intangível do imaginário colectivo, como as “Cobras Pintadas” de Penha Garcia, ou tidas como verdadeiras hierofanias, sustentando cultos religiosos populares (Nossa Senhora da Redonda, em Alpalhão).

A configuração física do espaço natural tem vindo a ser modificada pela evolução demográfica e pelas necessidades sócio-económicas vigentes. O Homem sente a necessidade de marcar a sua presença na paisagem, adaptando-se e revendo-se nas suas especificidades fenomenológicas mas artificializando-a para uma organização homeostática do espaço. O Megalitismo rompe com o carácter exclusivamente natural da paisagem. A Natureza é então disposta segundo uma geometria antropocêntrica e uma estratificação social, em função dos recursos naturais existentes. Surgem os grandes monumentos megalíticos de granito, no Nordeste Alentejano, por oposição aos minúsculos dólmenes de xisto do Vale do Tejo (Rosmaninhal) e às toscas mamoa das serranias de Oleiros.

Por uma necessidade geo-estratégica assumida a partir da Idade do Ferro, muitos povoados do Geopark Naturtejo foram fundados sobre relevos residuais (Castelo Branco, Monsanto, Penha Garcia), relevos estruturais (Idanha-a-Nova), associados a importantes aquíferos (Vila Velha de Ródão, Oleiros) ou defendidos pela morfologia fluvial (Idanha-a-Velha, Álvaro). O espaço da aldeia era o reflexo da geodiversidade (incluindo a geomorfodiversidade), gerando especificidades arquitectónicas.

A relação do Homem com o substrato geológico é particularmente evidente na cultura mineira. No território do Geopark Naturtejo, mais de 3 000 anos de trabalhos mineiros deixaram uma marca profunda na paisagem e na memória. As “Buracas da Moura” nas cristas quartzíticas são reminiscências lendárias que nos chegam da Idade do Ferro. As “conheiras”, “conhais” ou “gorroais” (Arneiro, Charneca, Foz do Cobre, Termas de Monfortinho, Ponsul) testemunham a magnitude quilométrica dos desmontes mineiros de aluvião durante o Período Romano, descritos por Plínio-o-Velho no *Tagus Aurifer*. Num território mineiro, a “febre do ouro negro” ou do volfrâmio teve as suas especificidades, associadas às migrações de mão-de-obra agrícola, às ilusões da Revolução Industrial, às vivências “d’ir ao minério” e ao contrabando de volfrâmio e estanho. Mas é o ouro que marca a paisagem cultural da região. O ouro do Rosmaninhal é lendário. Associado ao modo de vida pastoril, o ouro é nómada, movendo famílias exclusivamente dedicadas à *gandaia* do ouro, ou comunidades inteiras, quando o trabalho e o alimento escasseavam. Os “eixos da *gandaia*” eram e sempre foram o Tejo, assim como os seus afluentes e subafluentes, nomeadamente o Erges, Ocreza, Ponsul, Aravil e Sertã. É esta cartografia da memória que se procura hoje conhecer e potenciar em lógicas inovadoras de desenvolvimento, assentes no turismo.



I Simposio Argentino de Patrimonio Geológico, Geoparques y Geoturismo

III Encuentro Latinoamericano de Geoparques

*San Martín de los Andes
Neuquén - Argentina
25 al 27 de Noviembre
de 2013*

